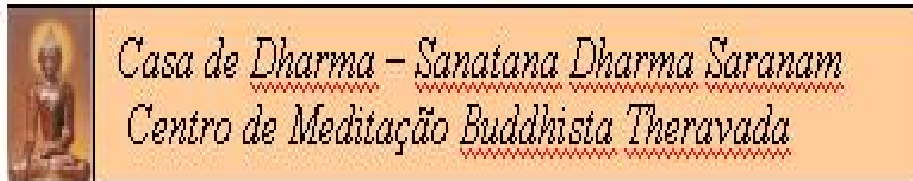


Leis do kamma

Bhante Gunaratana



Casa de Dharma 2007

Leis do kamma

Bhante Gunaratana

©*Bhavana Society*, 12 novembro 1994

tradução: Francisco Penteado

revisão: Arthur Shaker

Casa de Dharma 2007

Hoje vou falar de um assunto aparentemente muito simples, mas que se visto de perto, mostra-se muito difícil. Não há explicações perfeitas para esse assunto, pelo menos da parte de pessoas comuns; o Buddha poderia fazê-lo. Esse assunto é o kamma. Há dois modos diferentes de se entender o kamma. Um é enxergar o kamma como algo místico que se dá por razões desconhecidas, e para as coisas que as pessoas não conseguem compreender, elas as qualificam como kamma. A outra definição é o oposto dessa, que é kamma como lei de ação e reação. Ambas definições são incompletas, imperfeitas.

A definição de kamma como ação e reação deriva da Física, e serve para todos objetos animados ou inanimados. Existem leis chamadas de *niyama*, as cinco leis, e kamma é uma delas; tudo muda, mas estes *niyamas* não mudam jamais. Um *niyama* é a lei da ação e reação biológica, isso significa as leis biológicas; por exemplo, se você plantar mostarda, não nascerão macieiras. O segundo é a lei física de ação e reação, como nas variações de temperatura da terra de acordo com seus movimentos ao redor do Sol, bem como seus efeitos sobre a vida na Terra. A próxima lei é a lei da operação da mente; não há dois seres humanos na face da Terra cujas mentes operem do mesmo modo. Se surgir cobiça na mente dos indivíduos, essa sensação será idêntica para ambos, ainda que algumas pessoas saibam

se expressar melhor que outras, e reajam diferentemente, mas a operação mental da cobiça será a mesma. A quarta ordem é a lei do *dhamma*, que é imutável. Se eu lhe insultar, você ficará ofendido; por outro lado, se higienizarmos a mente, teremos outros tipos de experiências e sensações, e essa é a natureza do *dhamma*, do mesmo modo será a natureza da mente perturbada por inúmeros irritantes psíquicos. Para aqueles que vivem de acordo com o *dhamma*, o *dhamma* os protegerá, essa é sua natureza. E por fim, há a lei do karma, e o modo como opera. Há pessoas extremamente infelizes, com uma quantidade incrível de frustrações e problemas, sem emprego, ou com empregos miseráveis, problemas familiares, saúde, eles colocam isso como sendo seu karma. Mas por outro lado, se tudo correr bem, em casa, na família, no emprego, eles louvam a Deus por isso, ou batem na madeira. Mas o karma é algo diferente dos “resultados kármicos”, entretanto, eles não falam nesses termos, eles apenas dizem, “esse é meu karma”.

Na verdade, nem tudo que nos acontece deriva do karma e das consequências kármicas; outras coisas são puramente ambientais e circunstanciais, como por exemplo, as mudanças climáticas que afetam a todos nós. Alguns poderão dizer que a maneira como o clima afeta uma população seria um “karma coletivo”, mas nos ensinamentos sobre o karma não existe tal coisa. O karma é 100% individual, e cada um de vocês, independentemente sabe o que se passa nas suas cabeças, mas talvez, quando certos resultados surgem, talvez possamos indagar que um dado indivíduo cometeu este ou aquele karma, mas é difícil determinar precisamente. Portanto o karma divide as criaturas, e pela lei do karma, nós não fomos criados iguais.

O Buddha coloca: “O karma divide os seres em graus de qualidades altas ou baixas”. Algumas pessoas podem parecer-se umas com as outras, mas nem os gêmeos são idênticos. Se duas pessoas tiverem karmas semelhantes, poderão experimentar resultados semelhantes. Há pessoas em certas tradições que acreditam que após a morte irão para um lugar maravilhoso, onde todos são jovens e felizes e todos serão iguais lá, mas isso não condiz com nossa teoria do karma. Até os paraísos diferem, e os deuses que lá habitam diferem também, uns são poderosos, outros nem tanto, uns são inteligentes, outros são tediosos. Do mesmo modo, os humanos têm diferentes corpos, mas também diferentes mentes, e percepções. Fisiologicamente eles podem se parecer, mas nem os humanos, nem os animais jamais serão idênticos entre si, eles sempre serão diferentes quanto ao karma.

Por isso, o Buddha coloca que o karma é nossa única propriedade, nada mais nos pertencem, bens materiais, parentes, amigos, nada disso; o karma é nossa matriz e a nossa verdadeira herança. Podemos herdar bens materiais, e muitas vezes não poder desfrutá-los, por ter um câncer ou um problema qualquer, porque essa não é a verdadeira herança, a verdadeira herança é o karma.

Entre as duas definições de karma, uma como algo místico, a outra como lei de ação e reação, qual vale afinal? Ambas são incorretas. A definição mais simples e correta é: “Qualquer ato, palavra ou pensamento, cometido intencionalmente por um indivíduo ainda não totalmente liberto de raiva, cobiça ou delusão é karma”. A presença da intenção por si não é suficiente para gerar karma, mas ainda assim é absolutamente necessária. Um arahant, que age sempre com as mais maravilhosas intenções, excetuando as funções automáticas do corpo, não gerará nenhum karma; tudo o que ele disser, pensar ou falar é só ação sem resultados kármicos. Portanto, para haver karma, é necessária uma ação, palavra ou pensamento carregado de raiva, cobiça ou delusão, coisas que os arahants não têm.

Se uma pessoa comum age sem intenção, isso também não tem karma. Por exemplo, se dizemos algo sem querer que ofenda outra pessoa, mas isso aconteceu porque não tivemos plena atenção suficiente, ou por não saber que havia gente ali, ou ainda por desconhecer o estado mental da outra pessoa. Ou quando você se move durante a meditação, e incomoda quem está ao seu lado, mas kármicamente você não pode ser responsabilizado. E até eventualmente matar alguém, como por exemplo, se você for atacado, e em auto-defesa golpear mortalmente seu atacante, você será acusado, julgado de homicídio doloso, mas não culposo, se de fato não houve a intenção de matar, você só queria detê-lo. Portanto a operação kármica precisa de intenção.

Na época do Buddha, havia divergência entre ele e outros mestres espirituais. Cinco mestres divergiam nesse assunto. Um deles colocou que tudo aquilo físico que fizermos pesará mais que nossas intenções, e ele foi argumentar isso com o Buddha, mas o Buddha refutou, dizendo que os atos físicos não pesam mais que nossos atos mentais. Ele exemplificou dizendo que ao pensar algo virtuoso ou não, precisamos preparar-nos para por em prática essa nossa intenção. E até o momento de agir, trilhões de pensamentos se passaram na preparação dessa ação, e por isso o ato físico pesa tanto, e por isso, quando

ocorre um acidente, isso é algo totalmente físico, e não tão pesado assim; e por isso também a qualidade baixa ou alta, virtuosa ou não de um karma dependerá de sua intenção, onde intenção virtuosa gera karma virtuoso, e intenção não-virtuosa gera karma não-virtuoso. É simples, assim.

Virtuosidade ou não depende, portanto do estado mental-intenção. Por isso, para falarmos de valores morais e éticos, precisamos sempre investigar as causas em termos de intenções. Todo ato, palavra ou pensamento que faz mal a você mesmo ou aos outros é um ato não-virtuoso; todo ato que traz paz e felicidade a si mesmo ou aos outros será considerado virtuoso. Com essa definição de karma bom e ruim, podemos dizer que as práticas do retiro são karmas bons e virtuosos. Mas nem sempre é assim; muitos passam horas na sala de meditação em uma espécie de torpor sonolento; outros sentam-se para meditar com a mente repleta de ódio, dúvida, preocupação ou cobiça, como isso pode ser virtuoso? E não poderemos dizer que todos agiram de modo virtuoso, mas também não podemos dizer que ninguém agiu de modo virtuoso. E as aparências externas não demonstram de fato as forças kármicas presentes ali. E só cada um de nós intimamente sabe se cometeu karmas virtuosos ou não. Mas nenhum karma passará despercebido sem nosso conhecimento, porque houve sempre uma intenção, embora muitas vezes não entendamos o porquê de certas conseqüências kármicas; como na metáfora dos quatro homens com poderes paranormais que podem ver as pessoas morrendo e vindo a renascer.

Uma dessas pessoas viu um indivíduo fazer tudo o que é errado, e depois renascer em um lugar bom, e concluiu que não importa o que façamos, iremos para um lugar bom. A segunda viu alguém fazer tudo de bom, e mesmo assim renasceu em um reino ruim, e conclui que não importa o que façamos, iremos para um lugar ruim. A terceira viu um homem ruim ter um renascimento ruim, e conclui que atos ruins levam ao renascimento ruim. E por fim a quarta viu o indivíduo de atos bons renascer em um mundo bom. E como um daqueles que cometeu só atos bons renasceu em um lugar ruim? É porque os homens que viram o renascimento dos quatro indivíduos julgaram somente pelos atos dessa única vida, sem levar em consideração existências anteriores e seus respectivos karmas. Por isso que se nos reunirmos em um ato virtuoso, como limpar um hospital ou outro ato generoso qualquer, cada um de nós terá parcelas de mérito diferente, porque nossos motivos e intenções eram diferentes uns dos outros.

É curioso como ninguém quer discutir os karmas positivos, todos perguntam sobre os karmas negativos, porque esses são os mais comumente cometidos, e as pessoas ficam com as consciências pesadas com relação a eles. Alguém me ligou da Geórgia perguntando se seria um mau karma ajudar alguém a morrer, como na eutanásia. Essa pessoa tinha um parente em estado terminal, um vegetal, implorando para morrer. Eu disse que se a pessoa implora para morrer, é porque está em dor intensa, mas se você puder minimizar sua dor, ao invés de fazê-la morrer, ela ficará incrivelmente grata por isso. Por outro lado, eu disse também que se este for o karma da pessoa, claro que não diremos: “Esse é seu karma, e não há nada a fazer”, o que seria cruel, mas devemos colocar que essa situação é temporária, etc, mesmo que só restem dez minutos de vida, devemos deixá-la viver esses minutos.

Do mesmo modo, com relação ao aborto. Nesse caso, as pessoas vêm com argumentos fortíssimos, porque quando a mente quer agir, se justifica com as mais maravilhosas razões, como a defesa da saúde da mãe, a possibilidade do bebê nascer deformado, etc, mas essa é uma área obscura, há muito a se discutir aqui. Se alguém colocar a necessidade de abortar o feto para salvar a mãe, se formos perguntados, diríamos que há dois karmas ali: salvar a mãe traz bom karma, matar o feto traz mau karma; em circunstância nenhuma endossamos matar qualquer ser humano por esse ou aquele motivo. Eles podem usar até um eufemismo, não dizer “matar o feto”, assim como os fazendeiros não dizem que “matam” galinhas, dizem que têm um “centro de processamento de frangos”, mas o médico sabe muito bem o que está fazendo. Também existem argumentos políticos, sobre os direitos individuais, etc, ou filosóficos, sobre qual é o momento onde a vida começa. Deste modo, se um monge aconselhar uma pessoa a se matar, ele imediatamente perde sua ordenação. E o karma será sempre um tema que pode gerar discussões intermináveis, com inúmeras possibilidades para mudarmos o karma.

Por isso o Buddha coloca que, se um indivíduo comete um mau karma, mas se arrepende, e com plena atenção se propõe a não mais repeti-lo, essa pessoa é como a manhã sem nuvens. É necessário admitir que cometeu um mau karma sob essa ou aquela circunstância, sem se sentir culpado, mas com plena atenção, buscando analisar a situação chegando à sua raiz última. Esse estado mental é chamado de *manasikara*, atenção, ver a coisa como um todo, e habituar-se a fazer isso, e pouco a pouco nos aperfeiçoamos, até nos tornarmos a manhã sem nuvens. Esse é um processo de karma positivo a ser repetido por

sucessivas vidas, e os karmas negativos serão cancelados pelos positivos. É a chance de um novo recomeço.